

## **Escutar o Bendegó**

*Kanau'kyba* e as negociações entre mundos

Palavras-chave: cosmopolítica, proposição artística, meteorito de Bendegó

**Lucas Brito Lago;** Universidade Federal da Bahia; Salvador,  
Bahia, Brasil; [lucas.brlogo@gmail.com](mailto:lucas.brlogo@gmail.com)

### **1. Caminhos das pedras**

*Kanau'kyba* [Caminhos das pedras] (2020), é uma instalação desenvolvida pelo artista wapichana Gustavo Caboco - em conjunto com sua mãe, Lucilene Wapichana, e seus primos Roseane Cadete, Wanderson Wapichana e Emanuel Wapichana - a partir de encontros com diferentes paisagens que conectam as pedras do céu às pedras da terra ancestral (34ª Bienal de São Paulo, 2021). A instalação estabelece uma escuta e um diálogo com o meteorito de Bendegó, instaurando uma relação a partir da qual o meteorito encontra condições de enunciação de um conjunto de questões próprias, reivindicando a pedra/meteorito às cosmopolíticas indígenas.

A obra pluriforme e processual de Caboco se produz justamente nesses caminhos de retorno à terra, no fortalecimento das raízes com a terra e seus parentes, ecoando as vozes do povo Wapichana e dos entes a quem eles sabem dedicar escuta, como as plantas, as pedras, as serras, os céus e os rios. (34ª Bienal de São Paulo, 2021, p. 354)

A instalação foi comissionada pela 34ª Bienal de São Paulo, que adotou na curadoria o meteorito de Bendegó como mote de enunciação de um conjunto de questões às quais pretendia agenciar, sobretudo em decorrência do incêndio do Museu Nacional, ocasião em que o meteorito emergiu como um representante dos afetos políticos do país, a partir da sua resistência ao fogo que consumiu grande parte do acervo. A relação do artista com o Museu Nacional teve início anteriormente, quando Caboco investigou a presença, e a conseqüente destruição pelo incêndio, de uma borduna Wapichana, que

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

integrava ao acervo do Museu. Situação a partir da qual o artista traça diversas associações sobre as memórias indígenas e as políticas de apagamento.

Neste trabalho, propomos compreender e reverberar as proposições da investigação artística *Kanau'kyba*, debatendo suas práticas enquanto gesto de diplomacia cosmopolítica ao compreendê-las enquanto uma instância de escuta efetiva do meteorito, que propõe modos de relação com existências outras-que-não-humanas através daquilo que estas são capazes. O trabalho coletivo de Caboco e família Wapichana nos serve como um mapa que reorienta as relações com o meteorito de Bendegó, nos possibilitando questionar as nossas relações com os outros-que-não-humanos e um conjunto de questões que as rodeia.

Por meio de um conjunto de operações artísticas que envolvem intervenção e bordado em fotografias e documentos, textos, desenhos e ilustrações e uma animação homônima realizada por Caboco em co-autoria com a Pedra de Bendegó, os artistas efetuam uma intervenção na forma como compreendemos o meteorito e seus emaranhados de existência. Como nos sugeriu Cecília Vicunha (1994), a realidade é uma linha a qual podemos tecer e, em *Kanau'kyba*, a realidade é tecida através das linhas vermelhas que costuram, sobrepõe e re-criam relações e possibilidades a partir do fio, da costura e do emaranhado. Tal articulação também se dá no conjunto de ilustrações animadas a partir do qual o incêndio do Museu, o recado do bendegó (Caboco, 2021), a memória dos apagamentos coloniais realizados pela ciência e pelo próprio Museu são costuradas através do tempo, da imagem e movimento. Ecoando essas propostas, proponho a construção desse texto como um emaranhado que se constitui exatamente no encontro, costurando operações do interior do trabalho com os modos de existência da própria pedra, tornada objeto científico e peça de acervo de um museu, mas que não perdera a capacidade impor suas questões.

## **2. Escutar a pedra: um problema cosmopolítico**

O problema da proposição cosmopolítica, tal como postulado por Stengers (2018), se dá no reconhecimento na multiplicidade de mundos em composição e na responsabilidade ética e ontológica com formas de existências excluídas das formas

dominantes de produção de verdade. Isso implica em colocar em suspeição a cisão entre natureza e cultura que arregimenta o antropocentrismo e enfrentar a cegueira imposta pelo excepcionalismo humano (Tsing, 2015) - essa ideia de que apenas os seres humanos produzem linguagem, cultura e tem intenções e consciência de si mesmo. Diversos processos de produção de mundos, os quais se conformam por meio da heterogeneidade a um nível global, que não se fazem através de práticas que correspondem à essa cisão entre natureza e cultura e, portanto, não separam ontologicamente os humanos dos não-humanos, são obrigados a operar com essa distinção e excedê-la (De La Cadena, 2018), através de um violento processo de imposição do pensamento moderno-colonial enquanto pensamento único. Trata-se, portanto, de reconhecer que há “uma guerra silenciosa travada contra entidades e práticas mundiais que ignoram a separação de entidades em natureza e cultura” (De La Cadena, 2018, p. 101) e que o fortalecimento dessas práticas, saberes e cosmologias sustenta outras possibilidades de relação e é uma das formas de contraposição a essa guerra.

A possibilidade de escuta e conversa com a pedra, no sentido literal e não metafórico do termo, como proposto por Caboco e os demais artistas no referido trabalho, coloca uma provocação sobre qual pode ser o estatuto do que é considerado objeto pelas culturas ocidentais. Em outros termos, implica perguntar: do que as existências outras-que-não-humanas são capazes? A antropóloga e filósofa Elizabeth Povinelli (2023), ao se referir a uma entidade mineral importante para algumas comunidades indígenas do território do Norte da Austrália, coloca uma questão que vai ao encontro dessa: “não são também sujeitos políticos os não mortos e os nunca vivos, além dos humanos e das outras formas de trabalho vivo e capital?” (p. 69). É nesse elã que o trabalho de Gustavo Caboco e família Wapichana opera, a partir de um processo de retomada da história do seu próprio povo, da reflexão sobre a captura e o apagamento da memória indígena e da necessidade de reconhecimento de mundos em que as pedras da terra e do céu - entendidas como “não vivas” na ontologia ocidental - têm suas capacidades de agir e constituir arranjos de existência.

### **3. A diplomacia entre mundos**

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Observar e reverberar as proposições dessa investigação artística nos possibilita repensar a história do próprio meteorito de Bendegó, desde a sua captura na Caatinga em 1988, do seu deslocamento para o Museu Nacional, até a sua re-aparição perante o incêndio. Esse movimento também nos coloca diante de reflexões sobre as relações entre nós, os humanos, com os outros-que-não-humanos, especialmente com estes que nas culturas ocidentais são considerados como “não vivos”. Se seguimos as provocações de Povinelli (2023), podemos nos indagar sobre em quais condições poderíamos considerar um meteorito um sujeito político, capaz de reclamar sua opinião no debate público. A questão que se impõe, portanto, é sobre as formas de escutar e reconhecer tais manifestações e as condições de possibilidade que uma pedra alienígena, um fragmento espacial musealizado, pode tomar uma posição?

Essa discussão nos leva também a buscar reconhecer arranjos desmanchados pelas operações de capturas em nome do progresso e da racionalidade científica. Na história oficial do meteorito do Bendegó, a sua captura, e o seu “deslocamento forçado”, é narrada como um marco dos avanços científicos e tecnológicos, desconsiderando os arranjos estabelecidos entre a pedra e o contexto a qual ela se foi supostamente encontrada. A sugestão de compreendermos tal processo como um “deslocamento forçado” é apresentada na própria instalação *Kanau'kyba*, por meio de uma intervenção, na qual este termo é bordado em linha vermelha sobre palavra “remoção” presente no fac-símile da capa do “Relatório apresentando ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e à Sociedade Brasileira de Geografia Do Rio de Janeiro, sobre a remoção do meteorito de Bendegó do interior da Bahia para o Museu Nacional” (1888).

A crítica sobre a captura e deslocamento forçado da pedra para o Museu Nacional também pode ser encontrada no documentário “Cuitá, a pedra do bendegó” (2002), que reúne testemunhos e entrevistas de moradores da região da Caatinga onde o meteorito, em algum momento, chegou e se fez habitante. Considerando as proposições de *Kanau'kyba*, é possível reinterpretar esses testemunhos a partir de uma orientação ontológica que situa uma outra possibilidade de leitura sobre as negociações cosmopolíticas entre a pedra que caiu do céu e os humanos, naquela região.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Podemos afirmar, portanto, que proposições artísticas ontologicamente orientadas se apresentam como forma de mediação cosmopolítica entre mundos. Os artistas wapichanas, na proposição artística *Kanau'kyba*, podem ser compreendidos enquanto intérpretes e tradutores entre mundos, capazes de operar na diplomacia entre nós, humanos, e outros-que-não-humanos, abrindo um campo de possibilidade relacional através daquilo que estes são capazes. Assim, e somente assim, o meteorito de Bendegó pode ser apreendido e reconhecido a partir do seu modo existência e suas proposições de arranjos desde a sua chegada no nosso planeta. Afinal, como também é apontado na referida instalação, é de uma pedra alienígena que se trata, e esta pode também ter vindo até nós trazendo um recado de outros mundos e já houve, e ainda há quem saiba, escutar esse recado.

## REFERÊNCIAS

34ª BIENAL DE SÃO PAULO. **Catálogo Faz escuro mas eu canto**. OSE, Elvira (org.); Curadoria: Jacopo Crivelli Visconti, Paulo Miyada, Carla Zaccagnini, Francesco Stocchi, Ruth Estévez. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2021.

CABOCO, Gustavo. **Recado do Bendegó: conversas com a pedra**. São Paulo: Picada Impressões Indígenas, 2021. 13 p.; il. Obra de autoria compartilhada produzida para o contexto da instalação *Kanau'Kyba* para a 34ª Bienal de São Paulo, em formato digital.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 442–464, 27 abr. 2018.

DE LA CADENA, Marisol. **Natureza incomum: histórias do antropo-cego**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 95–117, 2018.

POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologias – Um réquiem para o liberalismo tardio**. Tradução de Mariana Ruggieri. São Paulo: UBU Editora, 1. ed., 2023.

RABELO, Marcelo. **Cuitá, a pedra do Bendegó** [documentário]. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZT5Ht-hD4y8>. Acesso em: 8 ago. 2025.



**V COLÓQUIO DE  
PESQUISA EM  
DESIGN E ARTES**  
5, 6 e 7 de novembro 2025

VICUÑA, Cecilia. **La realidad es una línea.** Kortrijk: Kanaal Art Foundation, 1994.